

Ajuste inevitável

O ministro Fernando Henrique Cardoso prepara-se para o inevitável: promover um novo ajuste na economia brasileira. O ministro procura tranquilizar o mercado e os meios políticos de que não usará fórmulas mágicas ou a terapia do susto. Jogará aberto e em parceria com o Congresso. Mas não terá como evitar a edição de mais um plano.

Essa a arma que o ministro pretende usar: a franqueza. A cada sacrifício que precisar pedir, à sociedade ou ao Congresso, exibirá os números. Eles são a sua realidade e o seu limite. O ministro desempenha neste momento a ingrata missão de promover cortes no Orçamento. E os cortes se dão justamente na minúscula fatia destinada a investimentos — seis por cento do total —, elaborada pelo Congresso.

Ele pede a compreensão da Casa, mas já sente na carne os contratempos do ofício. O ministro da Fazenda de um país em crise precisa estar preparado para a vaia. É alguém destinado a enfrentá-la com constância, em meio a pressões, hostilidades e incompreensões de toda ordem. O perfil do senador Fernando Henrique Cardoso não é naturalmente este — muito pelo contrário.

Trata-se de alguém que, ao longo de uma carreira profissional brilhante, tanto no meio acadêmico quanto no político, habituou-se a conviver com o sucesso e a colecionar aplausos e gestos de carinho. Tornou-se por isso mesmo um político afável, de índole moderada.

Com esse perfil, amoldou-se com perfeição ao Itamarati, uma casa sob medida para seus predados. Ei-lo, no entanto, subitamente, à frente da economia, mesmo sem pendor para as vaias e mesmo sem ser economista. Apesar disso, foi saudado por todos,

inclusive pelos adversários, como o homem certo, no lugar certo e na hora certa. Não há contradição. Tão singular quanto sua nomeação é a circunstância que o levou ao cargo: a crise de credibilidade do Governo e das instituições políticas. Fernando Henrique é uma avis rara nesse meio.

Itamar tentara antes mesclar soluções técnicas e políticas no comando da economia, nomeando a dupla Paulo Haddad e Gustavo Krause. Não deu certo. A falha estava em que ambos eram desconhecidos e não inspiravam confiança sequer a quem os nomeara. E a insegurança do Presidente manifestava-se em repreensões públicas aos ministros que, enfraquecidos em sua autoridade, acabaram por afastar-se.

A nomeação de Eliseu Resende pecou por numerosos fatores: não era um nome do ramo, não tinha densidade política, nem esbanjava credibilidade. Acabou saindo sob uma saraijada de acusações de tráfico de influência. A nomeação de Fernando Henrique é a certeza de que, pelo menos quanto às finanças, o Governo saiu de Juiz de Fora. Itamar convenceu-se da natureza política da crise e de que é impossível superá-la sem a parceria do Congresso. Esperava-se que, no restante da reforma, mantivesse o padrão sugerido pela indicação de Fernando Henrique. Não manteve, mas é inegável que houve algum avanço.

O ministro já diagnosticou o ponto fundamental da crise: o desarranjo das finanças públicas. Para rearmá-las, precisa rever o orçamento e promover um ajuste geral. E é nele que joga o seu tudo ou nada. O ministro convenceu-se de que não dá para esperar pelo próximo governo. Ou se faz alguma coisa de concreto agora ou a economia entra em órbita. Começou a contagem regressiva.